

rodas dos carros, que leva para os campos e para as fazendas distantes, apertado e quasi escondido entre as duas altas sebes de relva: é a azinhaga. Do outro lado do rio, defronte da alameda, são campos cultivados, que chegam quasi junto d'água: apenas um pequenino caminho, negro, humido, lodoso, com hervas pobres que agita a palpitação da corrente segue rente do silvado que fecha as culturas, ao longo do rio. Por alli, em junho, uma tarde, ainda na luz vigorosa, caminhavam de vagar, com o seu passo poderoso e tranquilo, duas grandes vaccas. Guardava-as com uma vergasta uma rapariga de dez annos: era esguia, magrinha, com sardas, um lenço vermelho na cabeça d'onde cahiam felpas e esguedelhadas e secas, os hombros com saliencias d'ossos, um collete desbotado d'atacador e uma sahinha curta. A agua ia clara, n'uma toalha delgada e vagarosa; pedagos d'area em secco reluziam; e o rio arrastava-se com um marulho doce todo enrugado do roçar dos seixos; e os arcos estendiam n'agua a sua sombra macissa. O ar estava immovel, penetrado de luz; nos campos viam-se ás vezes entre os milhos, os chapéus negros, as brancas de camisas que se moviam. Os passaros chitreavam: e como havia alli madressilvas, ainda áquella hora as borboletas brancas, aos pares, esvoaçavam palpitando. Sentia-se a grande distancia um tambor. A estrada estava solitaria: um ou outro homem vinha da cidade montado na sua égoa, direito, de jaqueta ao hombro, o cajado entalado entre a perna e o albardão coberto com uma pelle de cabra, trotando n'um choito indolente para o lado das frequezias... e ainda todo o ceu tinha a cor d'uma velha porcelana azul.

As vaccas tinham parado com a cabeça erguida, derramando em roda o seu olhar tranquilo, e a rapariga procurava as amoras que já começavam a escurecer nas sebes, quando um rapaz de onze annos que viera pela azinhaga, parou á beira da agua, com uma canastra de herva á cabeça, e umas compridas calças azuladas que arrastavam.

— Oh Farrusca, gritou elle, passa para cá as vaccas.

— Passa tu, disse a rapariga com a sua vósinha arrastada e fanhosa.

O rapaz arregaçou as calças, e com um grande ruído na agua, chapinhando, com as pernas muito abertas, ia atravessar segurando com os braços esticados a canastra. Mas com o rumor, as vaccas que iam entrar no rio a beber, voltaram para o carreiro com um movimento brusco, as carnes tremulas, balouçando a papeteira.

— Deixa beber as vaccas, rapaz, gritou a rapariga, com uma voz acre e aguda. Eh malhadal!

O rapaz voltou para a alameda, pousou a canastra e com as calças arregaçadas, as canellas brancas e delgadas, as mãos nos bolsos, e o barrete azul enterrado na cabeça, dizia-lhe:

— Então passa tu, Farrusca, corta o atalho... andal!

A pequena gritava ás vaccas que iam voltando á agua, e que estendendo o pescoco pellado da canga, bebiam de leve, vagarosamente, sem ruído. A espago erguiam a cabeça lentamente, olhando com a passiva tranquillidade dos seres fartos, e fios d'agua, babados, claros, brilhantes á luz, pendiam dos cantos do focinho. Ficavam assim olhando vagamente, davam outro passo indolente procurando o fio da corrente, com uma perna estendida, tornavam a beber, roçando a agua ao arrepto, e a sua sombra corpulenta tremia na fina enrugação da agua.

— Depois passa para cá, dizia sempre o rapaz.